

PERMANÊNCIA DAS ESTRUTURAS: PROTAGONISMO MASCULINO CRIATIVO NA MODA BRASILEIRA

Pereira, Roseana Sathler Portes; Doutoranda; Universidade de São Paulo, rosesathler@usp.br¹

RESUMO

Este trabalho apresenta o escopo da pesquisa de doutorado da autora em fase inicial, que investiga a consolidação do protagonismo intelectual masculino na indústria criativa da moda brasileira, especialmente na região sudeste, à despeito da maioria numérica de mulheres nos cursos de graduação em design de moda e da predominância da mão-de-obra feminina no setor de confecção de vestuário.

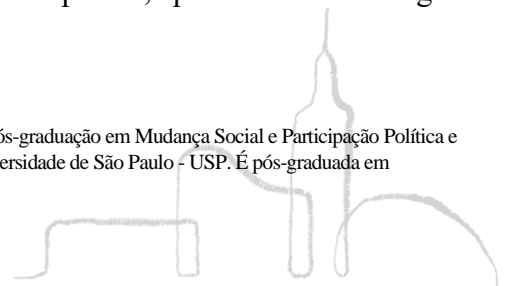
A investigação busca identificar implicações culturais, sociais e políticas do fenômeno, tanto na construção do campo profissional do design de moda quanto nos corpos e nas subjetividades das mulheres que consomem produtos materiais e imateriais criados por estilistas do gênero masculino, sobre os quais estes exercem sua autoridade.

Para tanto, a pesquisa tem como ponto de partida o surgimento da indústria criativa de moda no país. Esta, segundo Alário (2007), ganha corpo na década de 1980, com os chamados estilistas da segunda geração, reconhecidos pela repercussão midiática de seu trabalho, com alcance internacional. Na década de 2000, um novo grupo de designers, já com formação em moda ou em cursos de graduação correlatos, soma-se a este corpo para compor o panorama contemporâneo inicial da moda brasileira.

No levantamento realizado pela autora, o trabalho de mulheres estilistas começa a figurar também na década de 1980, com Glória Coelho. No total, o número de mulheres que integram esse contexto representa apenas 23,53% dos trinta e quatro estilistas mencionados, incluindo aqueles que emergem nas primeiras décadas do século XXI.

A desigualdade entre os gêneros persiste na principal semana de moda do país. Na 57ª edição da São Paulo Fashion Week, realizada em abril deste ano, dentre as vinte e sete marcas participantes, apenas onze são dirigidas

¹ Professora Coordenadora do Bacharelado em Design de Moda da PUC - CAMPINAS. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Têxtil e Moda, ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP. É pós-graduada em Modelagem do Vestuário pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais e bacharel em Moda.



por mulheres. Esse cenário contrasta com a representatividade numérica feminina identificada tanto na academia quanto na indústria de confecção de vestuário.

Segundo o relatório "Mulheres na Confeção: Estudo sobre Gênero e Condições de Trabalho na Indústria da Moda" (UNOPS, 2022), 79,3% da mão-de-obra do setor no estado de São Paulo é composta por mulheres (ressalta-se que o estado detém 23,6% dos empregos do segmento no país).

As mulheres também são maioria nos cursos de nível superior em moda no Brasil desde sua instituição (PIRES, 2002), ainda que seja crescente o volume de estudantes do gênero masculino. Esses dados destacam a falta de acesso das mulheres a posições de prestígio intelectual e criativo, nas quais a proporção entre os gêneros é diametralmente inversa.

No contexto dessa pesquisa, a divisão sexual do trabalho é tratada como um fenômeno capaz de produzir o gênero através da instituição de categorias mutuamente excludentes, que se constroem historicamente de forma complexa (LERNER, 2019; RUBIN, 2017) e articulam pressupostos sobre a inferioridade intelectual das mulheres, inscritos biologicamente como expressão da diferença sexual (LAQUEUR, 2001; SCHIEBINGER, 1987).

Reconhecendo a moda como uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 2019, p.145), ou seja, como uma instituição “com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero”, a pesquisa reflete sobre como as pessoas para as quais essa representação é direcionada a assimilam subjetivamente.

Palavras-chave: Gênero; Protagonismo Masculino; Estilistas Brasileiros.

